

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

INTENSIDADE E SENSIBILIDADE NAS PERCEPÇÕES DE MUNDO E EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DE MULHERES COM AUTISMO

Sílvia Ester Orrú

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.10324>

Submetido em: 2024-11-04

Postado em: 2024-11-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Fabio Zoboli (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5520-5773>)

INTENSIDADE E SENSIBILIDADE NAS PERCEPÇÕES DE MUNDO E EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DE MULHERES COM AUTISMO

Sílvia Ester Orrú

Universidade de Brasília, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4672-0471>

RESUMO: O propósito deste artigo é reiterar os principais conhecimentos correntes e atualizados sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), especialmente no que diz respeito a seu impacto na vida de meninas e mulheres a partir da produção científica recente. Maiormente, a partir do repertório da Teoria Crítica Feminista, sobrelevar a presença das mulheres na condição singular do autismo nas artes como uma matriz de percepção e expressão acerca do mundo que as rodeia e do qual fazem parte. Considerando a escassez de material publicado na forma de livros e artigos científicos sobre a presença do feminino na condição do autismo nas artes, foram selecionadas as histórias de vida das artistas com autismo, Carolina Mamedes da Cruz, Letícia Brasil e Nadia Chomyn, disponibilizadas em sites diversos, redes sociais e blogs pessoais. Tendo em consideração o estigma social e o capacitismo de que “autistas não têm sentimentos” e/ou possuem “pouca capacidade imaginativa”, sublinhou-se, tal como indica o título deste texto, a intensidade e a sensibilidade como atributos e capacidades humanas reconhecidas e pertinentes ao protagonismo artístico, portanto, qualidades presentes em mulheres com autismo que são artistas. Por fim, conclui-se que a arte é uma das mais belas formas de expressão da manifestação humana, de modo que o autismo não deve ser motivo para espanto, mas condição que deve ser respeitada e que constitui a vida de mulheres artistas que o experienciam e que compartilham suas composições com o mundo.

Palavras-chave: mulheres com autismo, artistas autistas, autismo e arte, inclusão e diferença.

INTENSITY AND SENSITIVITY IN THE PERCEPTIONS OF THE WORLD AND ARTISTIC EXPRESSIONS OF WOMEN WITH AUTISM

ABSTRACT: The purpose of this article is to reiterate the main current and updated knowledge about Autism Spectrum Disorder (ASD), especially with regard to its impact on the lives of girls and women based on recent scientific production. Mainly, based on the repertoire of Feminist Critical Theory, highlight the presence of women in the unique condition of autism in the arts as a matrix of perception and expression about the world that surrounds them and of which they are a part. Considering the scarcity of published material in the form of books and scientific articles on the presence of women in the condition of autism in the arts, the life stories of artists with autism, Carolina Mamedes da Cruz, Letícia Brasil and Nadia Chomyn, available on various websites, social networks and personal blogs, were selected. Taking into account the social stigma and ableism that “autistic people have no feelings” and/or have “little imaginative capacity”, it was highlighted, as the title of this text indicates, intensity and sensitivity as recognized human attributes and capacities pertinent to artistic protagonism, therefore, qualities present in women with autism who are artists. Finally, it is concluded that art is one of the most beautiful forms of expression of human manifestation, so that autism should not be a reason for astonishment, but a condition that must be respected and that constitutes the lives of female artists who experience it and who share their compositions with the world.

Keywords: women with autism, autistic artists, autism and art, inclusion and difference.

INTENSIDAD Y SENSIBILIDAD EN LAS PERCEPCIONES DEL MUNDO Y EXPRESIONES ARTÍSTICAS DE MUJERES CON AUTISMO

RESUMEN: El propósito de este artículo es reiterar los principales conocimientos actuales sobre el autismo, especialmente en lo que respecta a su impacto en la vida de niñas y mujeres a partir de la producción científica reciente. En mayor medida, desde el repertorio de la Teoría Crítica Feminista, resaltar la presencia de las mujeres en la singular condición del autismo en las artes como matriz de percepción y expresión sobre el mundo que las rodea y del que forman parte. Considerando la escasez de material publicado en forma de libros y artículos sobre la presencia de lo femenino en la condición de autismo en las artes, fueron seleccionadas las historias de vida de las artistas con autismo, Carolina Mamedes da Cruz, Leticia Brasil y Nadia Chomyn, disponible en sitios web diversos, redes sociales y blogs personales. Teniendo en cuenta el estigma social y capacitismo de que “los autistas no tienen sentimientos” y/o tienen “poca capacidad imaginativa”, se destacó, como indica el título de este texto, la intensidad y la sensibilidad como atributos y capacidades humanas reconocidas y pertinentes al protagonismo artístico, por tanto, cualidades presentes en las mujeres con autismo que son artistas. Finalmente, se concluye que el arte es una de las más bellas formas de expresión de la manifestación humana, por lo que el autismo no debe ser motivo de asombro, sino una condición que debe ser respetada y que constituye la vida de las mujeres artistas que lo experimentan. y que comparten sus composiciones con el mundo.

Palabras clave: mujeres con autismo, artistas autistas, autismo y arte, inclusión y diferencia.

INTRODUÇÃO

O autismo se tornou conhecido internacionalmente a partir das publicações dos estudos de Leo Kanner, sendo seu primeiro artigo publicado em 1943 (KANNER, 1943). Ao longo dos anos muitos estudiosos e pesquisadores têm se debruçado na busca pelo conhecimento sobre esta condição tão singular que impacta a vida de milhares de pessoas em todo o planeta, sendo a estimativa de que a cada 100 crianças 1 experiencie o autismo em sua vida (WHO, 2023). Em razão dos primeiros estudos sobre o autismo realizados por Kanner destacarem que o distúrbio era algo raro e que a prevalência em meninos era significativamente maior, estancou-se culturalmente que a síndrome era infrequente no sexo feminino.

Nesta linearidade de pensamento, as meninas acabaram sendo negligenciadas nos estudos e pesquisa pelo menos por três motivos: primeiro porque eram do sexo feminino e estavam imersas à uma cultura patriarcal em que a pesquisa priorizava o sexo masculino e generalizava e estendia seus resultados ao feminino; segundo porque o autismo foi difundido como um transtorno relacionado ao cérebro masculino, por isso a ele foi vinculada a cor azul; e em terceiro porque sendo a ciência influenciada pela cultura machista e suas conclusões indicando que era algo raro no masculino, consequentemente, as meninas foram quase que sumariamente excluídas do processo de seleção para a pesquisa e avaliação diagnóstica. Esse fato reverberou por décadas de forma omissa e descuidada para com o feminino, de modo que centenas de mulheres adultas passaram suas vidas em grande sofrimento por não terem sido acolhidas e acompanhadas por profissionais da saúde mental para receberem o suporte necessário para sua saúde física e mental.

Na última década, estudos têm apontado que o autismo não é uma condição tão rara e que sua presença no feminino é tão comum como no sexo masculino. Outrossim, a comunidade médica e científica se despertou para a realidade de que crianças se tornam adultos e que o autismo não desaparece com o passar da idade, de maneira tal que, atualmente, inúmeras mulheres e homens na condição do autismo têm se manifestado nos mais diversos espaços sociais e reivindicado seus direitos humanos,

espaços e lugares de fala. Nesta trilha altamente cansável pelos mecanismos de exclusão social, as redes sociais têm possibilitado que pessoas com diagnóstico de autismo nível 1, 2 e 3 de suporte se expressem de modos diversos e diferentes buscando falar por si mesmos, para além daquilo que os especialistas afirmaram como sendo (in)verdades absolutas.

O propósito deste artigo é reiterar os principais conhecimentos correntes e atualizados sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), especialmente no que diz respeito a seu impacto na vida de meninas e mulheres a partir da produção científica recente. Maiormente, a partir do repertório da Teoria Crítica Feminista, sobrelevar a presença das mulheres na condição singular do autismo nas artes como uma matriz de percepção e expressão acerca do mundo que as rodeia e do qual fazem parte. Considerando a escassez de material publicado na forma de livros e artigos científicos sobre a presença do feminino na condição do autismo nas artes, foram selecionadas as histórias de vida das artistas com autismo, Carolina Mamedes da Cruz, Letícia Brasil e Nadia Chomyn, disponibilizadas em sites diversos, redes sociais e blogs pessoais. Tendo em consideração o estigma social e o capacitismo de que “autistas não têm sentimentos” e/ou possuem “pouca capacidade imaginativa”, sublinhou-se, tal como indica o título deste texto, a intensidade e a sensibilidade como atributos e capacidades humanas reconhecidas e pertinentes ao protagonismo artístico, portanto, qualidades presentes em mulheres com autismo que são artistas.

É indispensável aclarar que a diferença como valor humano inegociável é um conceito medular para a base de construção, análise, interpretação e conclusão textual, uma vez que a diferença não é do outro, daquela mulher com diagnóstico de TEA. A diferença é um atributo próprio da espécie humana, logo, somos todos diferentes, únicos e singulares. Neste sentido, o autismo não é ponto de partida e de chegada para a definição do sujeito, mas, sim, parte de sua constituição subjetiva, pois enquanto o diagnóstico médico do TEA se repetirá por todo o planeta, as pessoas nunca se repetem, elas são únicas e cada uma experiencia o autismo de maneira diferente em sua própria vida e seu modo de existir no mundo e com o mundo.

A CONDIÇÃO SINGULAR DO AUTISMO: BREVE SÍNTESE

O autismo é uma condição humana singular que é experienciada de maneira subjetiva, abstraindo-se de gênero, sexo, etnia, raça, cor, geopolítica, religião, condição socioeconômica ou *status* social. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua quinta versão (DSM-V), publicada pela Associação de Psiquiatria Americana (APA), o autismo é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades na interação social e na comunicação, com a presença de comportamentos repetitivos e restritos que podem se manifestar em três níveis de comprometimento com demanda de apoio: nível 1 (leve) com demanda de menos apoio ou suporte pontual, nível 2 (moderado) com demanda de apoio contínuo, e nível 3 (grave) com necessidade de apoio substancial (APA, 2013; 2022).

Atualmente, esta divisão de níveis de comprometimento e suporte tem gerado desalinhos e críticas por parte de diversos membros da comunidade em luta pelos direitos das pessoas com autismo (PcA) em razão de discursos capacitistas que desqualificam e invalidam as dificuldades, os desafios e também as habilidades e os potenciais dessas pessoas, independentemente do nível de apoio que se encontram. Motivadas por preconceito, discriminação e ignorância, são enunciadas declarações constrangedoras e néscias que associam o autismo em sua manifestação considerada mais grave, a ausência de sentimentos e inteligência, além de incapacidade absoluta. À outra margem, leigos presumem que aquelas pessoas com diagnóstico de autismo nível 1 de suporte (leve) por terem mais autonomia, não têm dificuldades, não sofrem e não necessitam de apoio para sobreviverem à nossa sociedade de viés

altamente excludente. Ademais, uma pessoa com diagnóstico de autismo pode se encontrar em uma condição flutuante da necessidade de menos apoio em uma área de sua vida e demandar mais apoio em outras áreas, ou seja, embora recebesse o diagnóstico médico de Transtorno do Espectro do Autismo nível 1 de suporte (TEA N1), ela também poderia se encontrar em um diagnóstico de TEA N2, fato que poderia trazer diversas dificuldades no contexto de múltiplos espaços sociais, a exemplo, no espaço laboral.

Neste sentido, no Brasil, há uma expectativa dos movimentos sociais pró direitos das PcA de que a comunidade médica dê preferência aos critérios para o diagnóstico do autismo presentes na Classificação Internacional de Doenças, organizada e publicada em sua décima primeira versão pela Organização Mundial da Saúde em 2022 e que entrará em vigor no país no ano de 2025 (WHO, 2022). Nesta base de identificação e estatísticas de saúde, a CID-11 (WHO, 2022), propõe-se atenção à presença ou não do Transtorno do Desenvolvimento Intelectual (deficiência intelectual) e do comprometimento (prejuízo) da linguagem funcional junto ao diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Essas subdivisões têm o propósito de evitar erros e facilitar o diagnóstico a ser realizado pelo médico como modo de oferecer à população um serviço de saúde multidisciplinar com melhor qualidade de atendimento e atenção no tocante ao TEA. Distinta do DSM-V publicado pela APA (2013; 2022), não há divisões por níveis de comprometimento e suporte.

Entretanto, é importante ressaltar que tanto o DSM-V (APA, 2013; 2022) quanto a CID-11 (WHO, 2022), entonam a falta, o déficit, aquilo que se desvia da normativa, do padrão de indivíduo considerado normal ou saudável pela ciência médica. Por esses critérios médicos as pessoas são identificadas, classificadas, categorizadas pelas suas diferenças. Lamentavelmente, ainda há inúmeras ocorrências em que pela supervalorização do diagnóstico médico, eleva-se o autismo, a deficiência, de maneira a coisificar o indivíduo em detrimento de sua condição humana, de sua legítima identidade de Ser Humano, acima de qualquer definição diagnóstica.

O autismo enquanto transtorno, ou aquilo como decidam nomeá-lo por meio de classificações baseadas no modelo médico de deficiência, é uma construção social que supervaloriza o déficit, a doença, o sintoma, a anormalidade, a invalidez, o capacitismo, em prejuízo da pessoa COM e EM sua subjetividade, daquele que em inúmeras ocasiões e contextos, nem sequer é concebido ou visto como sujeito, porém, sumariamente definido como indivíduo fora da norma, um patologizado, um incapaz, um estranho que precisa ser tutelado, consertado, normalizado ou, quem sabe, com o avanço da ciência, curado de sua moléstia ou, para os mais incultos, exorcizado de sua maldição. A violência contra o autismo é corpulenta (ORRÚ, 2024, p. 20).

No que diz respeito ao diagnóstico de TEA em meninas e mulheres, durante anos os protocolos de diagnóstico têm se debruçado nas informações masculinas sobre o autismo, o que tem gerado grande negligência acerca das singularidades próprias das meninas e mulheres com autismo em pesquisas e espaços da clínica. A Ciência também não escapou de sofrer influência dos preceitos patriarcais uma vez que, em sua maioria, eram os homens que falavam sobre tudo, nomeavam, decidiam e registravam acerca de tudo, inclusive sobre: o que é ser mulher, como funcionam seus corpos e mentes, suas (in)capacidades cognitivas, físicas e psicológicas, como devem ser tratadas para controle de seus comportamentos, sobre seu sexo e seu (des)prazer. Segundo Sandra Harding, filósofa feminista estadunidense, há que se questionar os padrões convencionais presentes nos estudos científicos, pois eles, historicamente, permitem descrições de inferioridade biológica e social das mulheres:

De acordo com a visão convencional, é por meio dos métodos científicos, especificados nos projetos de pesquisa, que os valores sociais e os interesses que os pesquisadores inevitavelmente levam para seu trabalho podem ser identificados e eliminados. Essa abordagem certamente tem

suas virtudes. Todavia, é evidente que ela só consegue alcançar uma forma fraca de objetividade, uma vez que muitas suposições sexistas e androcêntricas (sem falar das suposições baseadas em interesses e valores de classe, religião, cultura, nacionais, raciais e imperiais) moldaram, nos que foram declarados os projetos de pesquisa científica mais rigorosos, os resultados das pesquisas em C&T, especialmente na biologia e nas ciências sociais. Como podem ser adequados os padrões convencionais de objetividade, se inúmeras vezes eles permitem descrições de inferioridade biológica e social das mulheres? (HARDING, 2007, p. 164-165).

Os fundamentos do determinismo biológico estabeleceram relações de gênero hierárquicas na sociedade de modo a pautar o comportamento, a personalidade e o cognitivo a partir do sexo biológico, colocando a mulher em um lugar de inferioridade e subalternidade em todos os âmbitos sociais. O corpo da mulher, capturado e cerceado pelos tentáculos da tríade patriarcado, capitalismo e colonialismo, abriga essa natureza de raiz misógina que define as mulheres como corpos sem pênis, como seres coisificados, logo, sem voz, sem lugar de fala, uma vez que “eles” já falaram sobre e por elas. Sob o ponto de vista deste grilhão, as mulheres são diferentes do homem em sua designação a um lugar de subalternidade e invisibilidade enquanto sujeito protagonista. Neste lugar sem voz, prevalece o que dizem sobre ela, sem percebê-la, sem ouvi-la, sem conhecê-la. Segundo Heleieth Saffioti, socióloga marxista e militante feminista, é incomensurável a violência de gênero sofrida pelas mulheres:

Objetos da satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras. Diferentemente dos homens como categoria social, a sujeição das mulheres, também como grupo, envolve prestação de serviços sexuais a seus dominadores (SAFFIOTI, 2015, p.94).

No que diz respeito ao diagnóstico de TEA em meninas e mulheres, a realidade é duplamente abissal, pois além do oceano de violências de gênero sofridas por serem do sexo feminino, grande parte delas também vivencia o preconceito, a indiferença, o desamparo, a (des)qualificação e a invalidação de seus discursos, de suas dores, sofrimentos e necessidades, principalmente aquelas que se encontram na condição do autismo com demanda de apoio mais pontual, frequentemente não percebida e não vista pelos grupos sociais com os quais convive. E, quando essas demandas são reveladas a muitos desses grupos por meio de um laudo médico, particularmente os grupos familiares e laborais, elas ainda passam por constrangimentos, deslegitimação da sua condição singular no autismo, inobservância e desrespeito de seus direitos humanos e sociais garantidos por lei, desprezo, capacitismo e isolamento social.

Estudos recentes apontam que os protocolos para diagnóstico se mostram falhos em capturar a manifestação feminina do autismo, tendenciosos no desfavorecimento às mulheres e na desatenção ao diagnóstico diferencial, o que implica diretamente nas taxas mais baixas de prevalência e na crença habitual que as mulheres se encontram em risco reduzido de estarem na condição do TEA (KIRKOVSKI et al. 2013 ; LAI et al., 2015; HALLADAY et al., 2015; RATTO, A.B., KENWORTHY, L., YERYS, B.E. et al., 2018; COOK et al., 2021; SIMCOE et al., 2022; MCCROSSIN, 2022). A cultura forjada nos ideais masculinos (consciente ou não) também se encontra impregnada na pesquisa, assim, o autismo tem sido subdiagnosticado em meninas e mulheres. Segundo os estudos de Robert McCrossin, médico e pesquisador australiano, a real proporção entre homens e mulheres para o autismo beira ser de 3:4; a cada 1.000 mulheres, cerca de 60 teria o diagnóstico de autismo; sendo que 80% das mulheres permanecem sem diagnóstico até adentrarem à vida adulta, o que implica em desfechos negativos para a saúde mental das meninas, adolescentes e jovens em razão da falta de apoio multidisciplinar ao longo da vida (MCCROSSIN, 2022). Em seu artigo, uma jovem de 20 anos lhe narrou: “A quantidade de meninas que não são diagnosticadas porque são mais propensas a se camuflar do que os meninos, é muito ruim. Fiquei muito tempo sem ser diagnosticada porque eles não sabiam que eu podia fingir ser normal!” (MCCROSSIN, 2022, p. 1).

Como resultado desse agravo social, igualmente presente na ciência, as mulheres têm sido diagnosticadas com TEA tardiamente, já na idade adulta e, conseqüentemente, padecem por muito mais tempo pela falta de apoio, suporte e tratamento adequado às suas necessidades. O reconhecimento da manifestação do autismo nas meninas é um dos maiores desafios a ser vencido, superando os estereótipos ainda colados no contorno masculino. Esse reconhecimento é complexo, pois se refere, principalmente, à informação e à conscientização sobre o autismo nas escolas (junto a professores e profissionais da saúde), onde as crianças se encontram na maior parte de seu tempo; além da conscientização e politização desprendida dos estigmas perante toda a sociedade, de maneira a educar as futuras mães e pais em uma perspectiva conceitual e não-machista quanto à manifestação do autismo.

Além do que já foi mencionado acerca da inadequação dos atuais critérios diagnósticos e principais instrumentos (DSM-V e CID-11) para a avaliação diagnóstica do TEA quanto às peculiaridades do autismo no feminino, para se avançar no estudo, na pesquisa e no conhecimento sobre a presença e a prevalência do autismo em meninas e mulheres, é fundamental:

- apoiar a criação de políticas públicas para o oferecimento de apoio psicológico (com psiquiatras, psicólogos e psicanalistas) que encorajam a construção e desenvolvimento de habilidades e possibilidades de enfrentamento dos desafios sociais;
- compreender que meninas e mulheres têm maior propensão à camuflagem social de suas particularidades e mascaramento de seu autismo;
- combater o estigma e a subestimação das características do autismo nas meninas por parte dos profissionais da saúde e da educação para que as meninas não passem despercebidas por anos sem terem acesso a atenção e/ou intervenção que venham demandar;
- compreender que mesmo havendo fatores biológicos e ambientais que possam resultar em uma maior prevalência do autismo em meninos/homens do que em meninas/mulheres, há inúmeras meninas e mulheres invisibilizadas que estão experimentando brutalmente a indiferença social quanto às suas demandas, a ausência de um diagnóstico qualificado e acurado, a medicalização exacerbada e tratamento inadequado às suas queixas e necessidades, a subestimação por parte da escola, abusos e violências em razão de sua vulnerabilidade;
- estar atento aos estigmas coisificadores, capacitistas e reducionistas que atribuem às PcA a frieza, a ausência de sentimentos, a falta de empatia, a incapacidade de se relacionar e de amar outras pessoas, a impossibilidade de trabalhar e construir uma família, ao desinteresse sexual;
- ser empático e compreender que as PcA, antes de tudo, são pessoas, elas têm sentimentos, têm suas próprias lutas, seus desejos, seus talentos, suas dificuldades, suas habilidades, suas limitações, seus problemas pessoais, sua própria personalidade, seu temperamento, suas preferências, sua própria sexualidade, seus sonhos, suas frustrações, como qualquer ser humano;
- saber que PcA frequentemente manifestam mais dificuldades na compreensão dos estados mentais de outras pessoas, principalmente diante de situações onde a indicação é não-verbal, para tanto, é importante evitar ironias ou colocações dúbias;
- colocar-se à escuta sensível do que a menina e a mulher com autismo têm a dizer à sua maneira sobre ela mesma e o mundo que a permeia (ORRÚ, 2024, p. 164-168).

Para a organização de espaços sociais cada vez menos excludentes e mais acolhedores ao feminino que se encontra na condição singular do autismo se faz necessário ressignificar a compreensão sobre os impactos dessa singularidade, bem como romper com o pensamento estático que fixa a “identidade autista” como equivalente a um *mix* imutável de incapacidades, déficits, prejuízos, doenças da mente, ausência de inteligência, emoções e sentimentos. É real o impacto avassalador do autismo na vida de muitas pessoas, principalmente daquelas que se encontram no nível 3 de suporte, inúmeras vezes necessitando de apoio dos familiares por 24 horas, além de alto investimento com intervenções terapêuticas e médicas. Contudo, mesmo embora estejam descritas na literatura médico-científica os relatos de casos com acentuadas dificuldades na capacidade imaginativa, também é tangível a vida de PcA, aqui neste texto em específico, de mulheres na condição do autismo que se destacam como artistas e escritoras, dentre tantos outros afazeres pertinentes ao mundo do trabalho. Conhecer e apreciar suas

autobiografias e composições artísticas é um caminho relevante e oportuno para a desintoxicação individual e coletiva dos estigmas e preconceitos capacitistas que pesam sobre as PcA.

Neste prisma, vale destacar o hiperfoco como uma qualidade prevacente e distinta na vida de grande parte das PcA. O hiperfoco se apresenta como uma atividade mental intensa e de hiperexcitação que favorece o aprendizado e o domínio de um ou mais temas de interesse exclusivos da pessoa e que pode estar presente nos três níveis de suporte do TEA. Em razão de sua intensidade, ele se mostra opoente à distração. No passado, foi enfatizado na literatura médico-científica como algo negativo, excessivamente seletivo e reflexo da ausência da capacidade de adaptação e gerência da própria atenção, motivo de apego a detalhes e obsessão pela perfeição de modo a prejudicar a pessoa em razão das muitas horas destinadas a fazer uma mesma coisa, sem se interessar por outras (LOVAAS et al., 1971; GEURTS; CORBETT; SOLOMON, 2009; ISOMURA et al., 2015). Todavia, outros autores indicam que o hiperfoco oportuniza uma atenção aumentada, maior engajamento em determinadas tarefas, melhor desempenho e capacidade de concentração (ASHINOFF; ABU-AKEL, 2021). Estudos também apontam que foram encontrados 4 pontos fortes como características bem estabelecidas nos sujeitos de sua pesquisa: “manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas, envolver-se em tarefas que exigem esforço mental sustentado, lembrar-se das atividades diárias e dar muita atenção aos detalhes/evitar descuidos, erros” (DUPUIS et al., 2022, p. 9). Quando entrevistadas acerca de seu hiperfoco, diversas mulheres com autismo narram seu apreço por esta qualidade e ressaltam os seguintes benefícios: melhora da autoestima; diminuição da ansiedade e do tédio quando estão fazendo o que gostam; dissipação da tristeza e do estresse; possibilidade de abertura para o aprendizado de habilidades sociais; um caminho para o aprendizado de outros conteúdos; motivação para desenvolvimento da escrita, da criatividade e da autonomia; ser uma via para a inclusão na formação universitária e no mundo do trabalho (ORRÚ, 2024).

MULHERES COM AUTISMO FAZENDO ARTE

É consenso nos principais instrumentos para o diagnóstico médico do TEA que uma das particularidades presentes nas pessoas na condição singular do autismo é a presença de déficits persistentes na área da comunicação e da interação social, prejuízos no domínio da linguagem que impactam na vida do sujeito em variados contextos e de diferentes formas (APA, 2013, 2022; WHO, 2022). Independentemente do nível de suporte demandado, toda PcA vivencia alguma dificuldade (para mais ou para menos) no contexto de sua interação social acompanhada de padrões de pensamento/comportamento que se apresentam de modo repetitivo e mais circunscrito. Esta particularidade afeta sua forma de perceber e reagir ao mundo, seu modo de se relacionar consigo mesma e com as outras pessoas, seu modo de atuar de maneira imaginativa. Contudo, a realidade profunda, muitas vezes esgotante desse afeto, não deve ser compreendida como sinônimo ou fator determinante de incapacidade. A presunção de incapacidade da pessoa em razão do autismo se caracteriza como capacitismo.

O autismo se manifesta de forma diferente em vidas diferentes. Cada pessoa experiencia de modo subjetivo o impacto do autismo em sua vida, de modo que questões relacionadas a gênero, racismo, crenças, geopolítica, condição socioeconômica, *status* social etc, podem suscetibilizar decorrências distintas, sejam elas positivas ou negativas, para a qualidade de vida e bem-estar da PcA. Embora o autismo se repita em qualquer parte do planeta com independência de qualquer conjuntura social, de gênero ou étnica, as condições culturais e sociais de aceitação, respeito, acolhimento, acesso à nutrição, à educação, à saúde, à moradia, à segurança, à vida digna, impactam diretamente na qualidade de vida da pessoa, inclusive na possibilidade de flutuar para um nível de maior ou menor desenvolvimento de sua

autonomia e necessidade de suporte. Contudo e apesar de tudo, há que se combater o capacitismo que se revela na forma de preconceito e discriminação contra PcA baseadas na ideia de que elas são incapazes ou inferiores em razão de “seu” autismo.

No contexto das mulheres com autismo, elas se encontram ainda mais invisibilizadas, subestimadas e invalidadas em seus discursos tanto pelo estigma relacionado à sua própria condição singular como pelo fardo arrastado na história e pela cultura machista-patriarcal que assola a nossa sociedade. Se as mulheres foram silenciadas e apagadas na história, na filosofia e nas ciências ao longo dos séculos, tal qual afirma a historiadora feminista, Michelle Perrot: “existe uma abundância, e mesmo um excesso de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas as viam ou sentiam” (PERROT, 2007, p. 22) – o que dizer das mulheres com autismo que ainda precisam teimar para existirem e serem ouvidas?

Mas apesar do apagamento e silenciamento que ainda sofrem, e ainda que embora a ciência não tenha se despedido por inteira do machismo excedente, a luta dos movimentos sociais pelos direitos das PcA e a incansável labuta das McA pelo leme de seu protagonismo social têm gerado frutos. Um desses frutos são as autobiografias registradas na forma de livros, sobretudo, aquelas que proliferam pelos caminhos subversivos e desviantes dos interesses do mercado editorial por meio de sites, blogs e das redes sociais. Por essas outras rotas elas mesmas e por elas mesmas se expressam sobre suas realidades, seus anseios, suas percepções, afetos e reflexões sobre si mesmas e o mundo ao redor, no qual existem, resistem e atuam com primazia.

No propósito de que este texto seja um lugar de divulgação científica e apoio ao protagonismo de mulheres na condição singular do autismo, serão apresentadas algumas composições artísticas das seguintes artistas: Carolina Mamedes da Cruz, Letícia Brasil e Nadia Chomyn.

Carolina Mamedes da Cruz

Carolina, de 32 anos de idade, é a irmã mais velha de outros dois irmãos com autismo que também são artistas que desenham e pintam com giz de cera: Gabriel, de 29 anos, que se expressa artisticamente por cartoons, charges e personagens inventados, e Ismael de 27 anos, entusiasta de seres mitológicos e personagens teatrais. O trio de irmãos brasileiros têm exposto suas obras em mostras e galerias de arte (ALMG, 2024).

Carolina e seus irmãos tiveram muitas dificuldades a serem enfrentadas em casa e, principalmente na escola, eles somente foram diagnosticados com TEA durante a adolescência. A mãe, senhora Luzinete Cássia Mamedes da Cruz, relata que desde que eram pequenos, “o desenho era tudo” para eles:

O desenho ajudou muito. Eles desenhavam desde pequeno. Quando vi que o desenho dava tranquilidade, eu estimei. Eles têm dois mundos. Tudo que eles querem saber é sobre o que eles viram no desenho. [...]. Há 26 anos o autismo não era como hoje. Hoje é uma diferença enorme, hoje é muito mais fácil o tratamento. Eu estou assustada com a quantidade de crianças autistas. As crianças agora são diagnosticadas desde pequenas. Se fosse assim com meus filhos, o sofrimento não seria tão grande. [...]. Eu já me acostumei, já aceitei. A gente vive para eles. Eu penso com a cabeça deles. Eu não consigo fazer outra coisa. Eu já incorporei o desenho deles (TRAJANO, 2019, p. 2).

A narrativa da mãe sobre o forte interesse por desenhos e seu impacto na vida de seus filhos evidencia claramente a presença deste hiperfoco, deste eixo de interesse que apazigua os momentos de crise, promove alegria e satisfação pessoal, valorização do potencial humano e possibilidade de autossustento (ORRÚ, 2023).

Imagem 1 – Carolina Mamedes



Fonte: Metropoli (2019, p. 1)

A arte pelo desenho é a forma pela qual Carolina encontrou para se expressar e se colocar no mundo e com as demais pessoas. Seus desenhos são compostos a partir de figuras femininas com ênfase em mulheres e crianças negras. Ela não faz uso de modelos ou de outras imagens como referência para compor sua arte, mas cria a personagem e cada detalhe a partir de seu próprio pensamento e ação experimentados com intensidade e personalidade a partir de sua vivência com esta temática contextual. Em suas palavras, enquanto desenhava uma mulher africana, ela explica: “Eu crio muitas coisas também. Eu crio cabeças celestiais. Eu crio também animes, super-heróis. Eu sei desenhar vários tipos de desenhos, tudo que me pedir eu sei desenhar” (TRAJANO, 2019, p. 3).

Leticia Brasil

Nascida em Osasco, São Paulo, Leticia tem 28 anos de idade e é graduada no Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Seu trabalho “Defronte (‘)a metamorfose” foi destaque no concurso Minuto Animação – Setembro 2022 do Festival do Minuto e sua série de animações intitulada “Espectro”, foi selecionada para o evento “|entre| arte e acesso 2021” do Itaú Cultural (ARTTERE, 2024).

A arte é o resultado das pessoas que a realizam dentro de um contexto, de uma realidade, interação com esse contexto. Então, na medida que ocorre algo comigo, na minha vida, na minha realidade, que tem um impacto sobre mim, isso também vai ter um impacto sobre a minha arte. E dessa forma eu acho que cada obra, ela é única em si. Eu não veria de uma forma em que existem obras de pessoas neurotípicas e obras de pessoas neurodivergentes. O fato de eu ser uma pessoa neurodiversa é algo que me constitui como eu sou. Eu sou autista e isso não é uma parte separada de mim. Eu tenho interesse em artes visuais desde a minha infância. [...]. Eu acho que as animações, elas tiveram uma presença muito forte nesse meu contato com a arte, tanto no sentido de desenho em si, de traço como referência, mas também no pensamento de narrativa, de música, enfim... também fiz uns curtas de animação durante o curso. Eu tenho dois curtas de animação digital, em 2D e em 3D, e também tenho buscado desenvolver trabalhos com técnicas de animação tradicional, desenho quadro a quadro. Eu também tenho desenvolvido uma pesquisa e alguns trabalhos voltados para ambientes imersivos. Foram alguns anos de suspeita até realmente buscar um diagnóstico formal. Eu recorri a uma clínica que é especializada no diagnóstico de pessoas adultas, porque o diagnóstico ainda é uma questão bem difícil, por questão de médicos especializados, os critérios serem alterados recentemente. E há, principalmente, uma dificuldade em relação a pessoas designadas mulheres, porque tem uma questão de que as pesquisas dizem estar mais presente o mascaramento, a gente disfarçar muito, ter estratégias de socialização que acabam escondendo os sintomas. Com o diagnóstico eu cheguei a desenvolver trabalhos que abordam mais especificamente, mais claramente a questão dessa minha vivência como pessoa autista. É o caso da série espectro. Ela parte desse meu processo de diagnóstico para lidar com algumas questões de externalização, de sensações, sentimentos, porque no meu caso, como autista, há uma dificuldade de entender isso do abstrato, assim, só do pensamento, e é importante essa externalização. E eu comecei a fazer isso a partir de pinturas, desenhos... Só que isso, obviamente, tem muito do meu raciocínio de pesquisas no campo das artes visuais, independente de eu estar lidando especificamente do autismo. Eu acho que o principal impacto está centrado na questão do autoconhecimento e da autoaceitação, de não se culpar de certas coisas, porque não tendo diagnóstico, acho que da minha vivência, porque acho que cada autista tem sua própria vivência, mas também pelo que eu escuto de relatos de outros autistas, a gente às vezes é acusado de muita coisa, muito criticado em relação ao nosso comportamento. É uma questão de se respeitar também, ver até que ponto dá e se manter autêntica, como, como a gente é (FERREIRA, 2023, p. 1).

Imagem 2 – Letícia Brasil/Olho-neurônio



Fonte: Arttere (2024, p. 1)

As vivências de Letícia, uma jovem mulher na condição do autismo, afetam de maneira incomensurável a criação de sua arte que, por sua vez, transparece e confia toda a sua realidade, bem como todo o universo simbólico que a envolve. Importante ressaltar que seu hiperfoco orientou seu caminho à formação acadêmica e profissional, aspecto primordial a se considerar para a construção e aperfeiçoamento das políticas públicas inclusivas de acesso e permanência na universidade de maneira a valorizar o potencial da PcA como via de entrada ao ensino superior e de continuidade para o mundo do trabalho.

Nadia Chomyn

Nadia nasceu em 24 de outubro de 1967 na cidade de Nottingham, Inglaterra. Filha de refugiados ucranianos, ela era a segunda dos três filhos do casal. Desde antes dos 3 anos de idade, Nadia apresentava dificuldades significativas na linguagem e em seu desenvolvimento motor. Foi descrita por profissionais da saúde como “profundamente introvertida”, considerada como “severamente deficiente” em seu desenvolvimento intelectual e motor, contudo, seus desenhos eram notáveis. Em 1972, na unidade de pesquisa da Universidade de Nottingham, aos 5 anos e 3 meses de idade, ela recebeu o diagnóstico de deficiência mental, com características de autismo e atraso severo de linguagem, apresentando: ecolalia, distúrbio severo de coordenação motora, atraso cognitivo e afecções específicas do autismo (SELFE, 1979).

Segundo Lorna Selfe, renomada psicóloga credenciada a *Associate Fellow da British Psychological Society*, a partir de seu estudo longitudinal sobre o caso de Nadia, a menina começou a desenhar em torno de seus 3 anos e meio de idade com uma habilidade considerada fenomenal e com notável realismo visual. Por volta de seus 4 anos e meio, um médico orientou seus pais a matricularem Nadia em uma escola de educação especial¹. Na escola, Nadia se interessou por quebra-cabeças e pranchetas para desenhos, também aprendeu a se alimentar com o uso de uma colher e a ir ao banheiro sozinha.. Entretanto, recusava-se a brincar com as demais crianças, ficava longo períodos sentada e sozinha, suas crises de choro por sobrecarga emocional e sensorial (que não são crises de birra), eram frequentes, ela não se vestia sozinha e não se comunicava oralmente com ninguém (SELFE, 2011).

O caso de Nadia também foi estudado pelo reconhecido médico neurologista e exímio escritor inglês, Oliver Sacks, em seu livro “Um antropólogo em Marte”:

Nadia começou a desenhar repentinamente aos três anos e meio, representando cavalos, e mais tarde uma variedade de outros temas, de uma maneira que os psicólogos consideraram “não ser possível”. Seus desenhos, segundo eles, eram qualitativamente diferentes dos de outras crianças: ela tinha um senso de espaço, uma capacidade de retratar as aparências e sombras, um senso de perspectiva que a criança normal mais talentosa só poderia desenvolver com o triplo de sua idade. Vivia experimentando diferentes ângulos e perspectivas. Enquanto as crianças normais atravessam uma seqüência de desenvolvimento, passando de rabiscos casuais a formas esquemáticas e geométricas e em seguida a figuras “larvais”. Nadia parecia ter pulado tudo isso, indo direto para desenhos figurativos altamente reconhecíveis e detalhados. O desenvolvimento do desenho na criança, como era visto na época, equiparava-se ao desenvolvimento das capacidades conceituais e de linguagem; mas Nadia, ao que parecia, apenas desenhava o que via, sem a necessidade habitual de “entendê-lo” ou “interpretá-lo”. Ela não apenas apresentava imensos talentos gráficos, uma precocidade sem precedentes, mas desenhava de uma maneira que atestava um modo completamente diferente de percepção e inteligência. [...]. O caso de Nadia — tratado em extensão monográfica e minuciosamente documentado — provocou grande ebulição nas comunidades neurológicas e psicológicas e chamou de repente uma atenção tardia para os talentos *savant* e a natureza dos talentos e das capacidades especiais em geral. Onde, por um século ou mais, neurologistas tinham confinado suas atenções a deficiências e colapsos da função neural, havia agora um movimento na direção contrária, para a exploração da estrutura dessas capacidades, ou talentos, intensificadas e sua base biológica no cérebro. Nisto, os *idiot savants* forneciam oportunidades únicas, já que pareciam apresentar uma vasta gama de talentos inatos — expressões nuas e cruas do biológico: muito menos dependentes ou influenciadas por fatores ambientais ou culturais que os talentos das pessoas “normais” (SACKS, 1995, p. 139).

Nadia desenhou nas paredes e em centenas de papéis de supermercados dentre outros pedaços de papel e folhas de cadernos, mais de 200 de suas obras estão dispostas no Museu *Bethlem: Museum of Mind*, em Londres (BETHLEM, 2013), sendo consideradas como Arte *Outsider*; termo cunhado em 1972 pelo professor britânico, Roger Cardinal (CARDINAL, 1972), mas cuja expressão (arte bruta) foi concebida por Jean Dubuffet em 1945, pintor francês nascido em 1901, o primeiro teórico da arte bruta e crítico da cultura dominante. Dubuffet definiu arte bruta ou crua como aquela caracterizada por ser livre da influência de estilos considerados oficiais, de vanguarda, fora da tradição acadêmica ou determinados pelo mercado de arte. Ele via

¹ Naquela época as crianças consideradas com graves deficiências ficavam em casa, sob os cuidados dos pais. Não existia escolas na perspectiva da educação inclusiva, tal como temos hoje. As instituições especializadas eram consideradas “escolas para deficientes” e esses ambientes eram espaços segregados, comumente vistos como lugares para loucos e doentes mentais. Com o avanço dos movimentos de luta pelos direitos das pessoas com deficiência, os documentos internacionais como a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (UNESCO, 1990), Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) e a Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência (ONU, 2007), dentre muitos outros, determinaram que os Estados organizassem suas escolas e sua educação na perspectiva inclusiva para acolher as diferenças de todas as crianças, de todas as pessoas. O Brasil é signatário desses e de outros documentos internacionais e tem um dos acervos legislativos nacionais mais potentes com relação à educação na perspectiva inclusiva e acessibilidade às pessoas com deficiência.

nos criadores que não eram do meio artístico, como os internos de hospitais psiquiátricos e autodidatas isolados, a forma mais pura de arte (THÉVOZ, 2001.)

Imagem 3 – Nadia Chomyn aos 11 anos de idade/ *Le Jockey* de Henri de Toulouse-Lautrec



Fonte: Selfe (2011, p. 16)

Após completar 9 anos de idade, Nadia Chomyn se recolheu (a literatura disposta diz que ela regrediu e perdeu sua capacidade) e não desenhou mais. Seu caso foi tema de muitos estudos de pesquisadores da Psicologia Moderna. Após o falecimento de sua mãe, idade avançada de seu pai, já estando na fase adulta e com pouquíssima autonomia, ela foi levada pelos seus irmãos para viver em uma casa de repouso. Nadia faleceu em 28 de outubro de 2015, aos 48 anos de idade (SELFE, 2015).

INTENSIDADE E SENSIBILIDADE: QUALIDADES HUMANAS

Aberrantemente não é incomum a enunciação de frases preconceituosas e desqualificadoras vinculadas ao autismo, discursos odiosos e abastados de ignorância e negacionismo acerca do TEA que são proliferados, sobretudo, a partir de personalidades da esfera política e eclesíastica.

Em um vídeo, que circula nas redes sociais, o prefeito afirma que ter filhos com autismo é uma "infelicidade". A fala preconceituosa foi dita durante um evento da prefeitura e endossada por aliados em grupos de WhatsApp. [...]. O mundo hoje está cheio de besteira. Um menino autista é um menino doido, e quem quer um menino doido? É infelicidade, não é felicidade não, é infelicidade mesmo", disse a servidora, que atua na Unidade de Pronto-atendimento (UPA) do município (G1 PB, 2024, p. 1).

O diabo está visitando o ventre das desprotegidas. Em cada 100 crianças que nasce, nós temos um percentual gigantesco de pessoas em ventres visitadas e manipuladas pela escuridão. As crianças hoje, a cada 100, nós temos 30 de autistas, em vários graus. O que está acontecendo? O diabo está visitando o ventre das desprotegidas, aqueles que não tem a graça, a instrumentalidade para saber lidar com o mundo espiritual. E ele [diabo] só procura os vulneráveis, os desassistidos (UOL, 2024a, p. 1).

No âmbito politiquero da representação pública, eles fazem uso do termo autismo para desqualificar e/ou insultar algum oponente, além de se conduzirem inúmeras vezes de forma altamente capacitista. No terreno religioso há líderes que deliram em seu obscurantismo e associam o autismo a espíritos malignos. Frases ou discursos irônicos que denotam sentido similar, podem ser facilmente encontradas nos diversos nichos da internet: autistas não têm sentimentos ou empatia (EPTV 1, 2021), autistas como seres inferiores, não-cidadãos (O GLOBO, 2016), capacitismo e violência à existência de pessoas com autismo (BERLINK, 2023; FOLHA DE LONDRINA, 2024), autismo como manifestação de espírito maligno (UOL, 2024b; IPTM, 2024).

Parte do preconceito da cultura estigmatizante acerca da suposta ausência de sentimentos e empatia em PcA poderia estar atrelada a pelo menos um dos estudos de Kanner (1949), onde o autor associa a origem do autismo à frieza da família e, fortemente, responsabiliza as mães pelo trauma ocorrido nos filhos de maneira tal que eles não suportariam a realidade e recuariam para um distanciamento e isolamento. Na década de 60, baseado nas hipóteses de Kanner, Bruno Bettelheim que era um comerciante com pós-graduação em arte, e que mesmo não tendo formação na área, foi reconhecido como psicólogo, sustentou que o autismo era uma patologia de cunho emocional originada pelo sentimento de desamparo da criança, causado por aqueles com quem ela convivia. De forma reativa, a criança se recolhia à uma "fortaleza vazia" e se alienava a um estado de não-existência (BETTELHEIM, 1987). Embora essas hipóteses causais do autismo já tenham sido extenuantemente debatidas e refutadas pelos estudiosos e pesquisadores, ainda paira no ar a ideia de que as PcA não percebem o que acontece à sua volta, não fazem parte do mundo e que não têm sentimentos.

Estudos recentes sugerem que as PcA podem apresentar alexitimia, uma condição mental que é distinta do autismo e que se caracteriza pela dificuldade em identificar e expressar expressões, estando associada a déficits no reconhecimento de informações afetivas de outras pessoas (KINNAIRD E., STEWART C., TCHANTURIA K., 2019; OACKLEY et al., 2020; CUVE et al., 2022). Neste sentido, a pessoa na condição do autismo e da alexitimia teria maior dificuldade para reconhecer, analisar e comunicar com clareza as suas emoções e também suas sensações corporais, bem como descrevê-las e as regular. Alexitimia que no grego significa a "falta de palavras para sentimentos", afeta e impacta a vida de várias PcA, cada qual à sua maneira e em sua subjetividade, pois cada pessoa tem sua forma singular de experienciar o autismo.

Importa dizer que o autismo e a alexitimia prejudicam a percepção e a comunicação dos sentimentos, contudo, não significa que essas pessoas não têm sentimentos, não sentem os afetos produzidos pelo outro, não expressam de alguma maneira as suas emoções e sensações. As outras pessoas, talvez, por caminhos sociais e comunicativos não convencionais, podem até não compreender as manifestações das emoções de pessoas na condição do autismo e da alexitimia, mas isso não corresponde a ausência delas e não espelha frieza ou indiferença quanto ao que acontece em derredor.

A intensidade e a sensibilidade são qualidades presentes na espécie humana, cada qual à sua maneira e à sua medida. Ambas estão muito presentes na vida da PcA, inclusive impactando diretamente em sua vida, na maioria das vezes, na forma de sobrecargas emocionais e sensoriais que costumam gerar crises doloridas e sofrimentos indizíveis (SAPEY-TRIOMPHE et al., 2023; GODFRE, 2022). Como dizer que a PcA não tem sentimentos se seu contato com o real lhe chega ao insuportável?

Intensidade e sensibilidade também estão intimamente relacionadas à criatividade, portanto, à produção cultural. Elas acompanham o ser humano ao longo da história da humanidade, portanto, durante toda a construção da História da Arte que, desventuradamente, é marcada pelo sistema do patriarcado e que com ele também se estrutura nos moldes do colonialismo e do capital, a tríade tentacular de *apartheid* social. Neste entroncamento, a representação do gênero foi construindo o próprio gênero em todos os espaços sociais de modo que enquanto a criatividade era um atributo franqueado do masculino, o feminino teve seus limites e contornos traçados pela objetificação da mulher. A intensidade e a sensibilidade, então relacionadas ao feminino, eram tão somente a representação dos sentimentos de paixão ou repúdio provocados pela mulher no homem, este que foi nomeado de artista. A mulher, por sua vez, coisificada, mesmo se rebelando dentro de suas possibilidades históricas, políticas e culturais, mesmo forçando trincas para invadir esse universo do homem com o protagonismo de sua arte, era – e ainda é – depreciada como criadora, sua arte, sua literatura, é “menor”. Nesta perspectiva, a historiadora e feminista estadunidense, Linda Nochlin, problematiza em seu polêmico artigo publicado originalmente em inglês em 1971, “Por que não houve grandes mulheres artistas?”:

A pergunta “Por que não houve grandes mulheres artistas?” nos leva à conclusão, até agora, de que a arte não é a atividade livre e autônoma de um indivíduo dotado de qualidades, influenciado por artistas anteriores e mais vagamente e superficial ainda por “forças sociais”, mas sim que a situação total do fazer arte, tanto no desenvolvimento do artista como na natureza e qualidade do trabalho como arte, acontece em um contexto social, são elementos integrais dessa estrutura social e são mediados e determinados por instituições sociais específicas e definidas, sejam elas academias de arte, sistemas de mecenato, mitologias sobre o criador divino, artista como Herman ou como párias sociais (NOCHLIN, 2016, p. 23-24).

Em perspectiva semelhante, Griselda Pollock (2011), influente intelectual dos estudos feministas nas artes visuais, agrava os motivos pelos quais as mulheres foram apagadas e silenciadas durante os movimentos da arte moderna e enfatiza o domínio pela classe social, pelo capital e pelo poder masculino:

O nome de um artista preside a cada movimento. Todos aqueles que foram canonizados como precursores da arte moderna são homens. Será que tal se deve ao facto de não ter havido mulheres envolvidas nos primeiros movimentos da arte moderna? Não. Será que foi porque as que existiam não conseguiram determinar de modo significativo a forma e o carácter da arte moderna? Não. Ou será antes porque a história da arte moderna celebra uma tradição selectiva que normaliza um conjunto de práticas específicas e definidas pelo gênero como sendo o único modernismo? Eu defenderia esta explicação. Consequentemente, qualquer tentativa de estudar a actividade de mulheres artistas do período inicial da história do modernismo exige uma desconstrução dos mitos masculinos associados ao modernismo. No entanto, estes mitos são

correntes e estruturam o discurso de muitos anti-modernistas, como por exemplo sucede na história social da arte (p. 53-54). [...]. Não é o domínio público que é simplesmente equacionado com o gênero masculino que define o *flâneur*/artista, mas o acesso ao domínio sexual que é marcado por esses espaços intersticiais, os espaços de ambiguidade, definidos como tal não só pelas fronteiras de classe relativamente variáveis e imaginadas de que Clark tanto fala, mas pelas trocas sexuais entre classes (p. 66). [...]. Abaixo desta linha encontra-se o domínio dos corpos sexualizados e mercantilizados das mulheres, onde a natureza acaba e onde a classe, o capital e o poder masculino se instalam e dominam. É uma linha que delimita uma fronteira de classe, mas que, para além deste limite, revela como novas classes do mundo burguês reestruturaram as relações de gênero, não só entre homens e mulheres, mas também entre mulheres de diferentes classes (p. 67).

A arte e a cultura foram e, ainda podemos dizer que são, mais restritas a uma determinada parcela da sociedade, especialmente por desigualdades de classe social, gênero e raça. Mas, e quando a essas hierarquias sociais se arrasta junto a condição da deficiência²? Preconceito, discriminação, estigma, barreiras na acessibilidade e capacitismo são desafios cotidianos enfrentados pelas pessoas com deficiência nos palcos das artes. Em uma entrevista, artistas com deficiência enunciam acerca dos desafios relacionados ao capacitismo e a acessibilidade vivenciados no mundo das artes:

“Não são as pessoas com deficiência (PCD) que não têm interesse em arte, são os produtores artísticos e culturais que não têm interesse em produzir um conteúdo que seja acessível”, afirma Moira Braga. Para a bailarina, atriz e professora, o processo é cíclico: se a produção artística não é acessível para PCDs, torna-se mais difícil delas desenvolverem interesse ou se tornarem artistas. O escultor Rogério Ratão faz coro e complementa que em qualquer caso as pessoas só gostarão das artes se forem estimuladas. “E quando temos deficiência, tem muito uma coisa das pessoas acharem que sabem o que é e o que não é necessário pra nós”. [...]. Para Rogério Ratão, o capacitismo se mostra claro quando alguns comentários insinuam que ele não cria as esculturas sozinho ou mostram a dificuldade de compreensão de que sua criação escultórica não se baseia no visual. O artista explica que parte do tátil para toda sua construção artística: “Toda a minha pele me dá alguma informação. Meu corpo é meu gabarito. Uso meus dedos e as minhas mãos como unidade de medida e a mim mesmo como modelo anatômico” (GARCIA, 2021, p. 1-2).

No caso das PcA, esse capacitismo se dimensiona para a postulação de que autistas não têm sentimentos, são insensíveis, vazios, frios, estéreis na capacidade imaginativa e criativa, supostamente, intelectualmente incapazes de produzirem arte. E, caso produzam arte identificando-se como autistas, grande parte do corpo social deduz que eles não são autistas, invalidam suas histórias de vida, seus diagnósticos médicos, seus discursos e conteúdos, suas subjetividades, seus sofrimentos, suas capacidades e, principalmente, suas potencialidades como seres humanos. Nesta via capacitista a mulher na condição singular do autismo se encontra mais subjugada e subalternizada por ser autista-mulher, condição que ainda pode se agravar em razão de outras estigmatizações relacionadas a: aparência, pobreza, homofobia, cor da pele, colorismo, racismo, etnia, geopolítica, *status* social, nível de estudo, crenças...

Neste cenário de estigmas e invalidações, a McA que necessita de menos apoio e tem mais autonomia pessoal, tem sua arte e sua literatura questionadas e descredibilizadas, pois se de fato ela realmente fosse autista, não conseguiria compor, criar com originalidade, problematizar os problemas com sua escrita e demais composições artísticas (desenho, pintura, escultura, música...). Suas dificuldades, limitações, habilidades e potencialidades são nulificadas pelo capacitismo. No caso dessa mulher-autista necessitar de muito apoio em razão da gravidade de “seu” autismo, esse mesmo corpo social adoecido

² Para todos os efeitos legais de proteção dos direitos das pessoas com o diagnóstico médico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), no Brasil, a pessoa com autismo é considerada pessoa com deficiência pela Lei N° 12.764/2012 (BRASIL, 2012).

por suas relações sociais altamente insalubres que se estruturam no paradigma binário e excludente da normalidade/anormalidade com suas (in)verdades absolutas, desacredita, nega e também anula suas dificuldades, limitações, habilidades e potencialidades pela mesma franquia capacitista. O capacitismo em sua violência des-humana ignora as sensibilidades tal qual pretere o ser sensível na condição do autismo. Contudo, segundo a historiadora brasileira, Sandra Pesavento, as sensibilidades correspondem a

um processo subjetivo, brotado do íntimo de cada indivíduo, como uma experiência única, a sensibilidade não é, a rigor, intransferível. Sendo a sensibilidade uma forma de ser e estar no mundo, ela pode ser também compartilhada, uma vez que é, sempre, social e histórica. [...]. Mas o conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos e das sensações que vêm do íntimo de cada indivíduo. Há, pois, uma dimensão primeira que é a do corpo em contato com o real. [...]. Os sentidos são afetados e provocam sensações, ou seja, são dotados dessa capacidade reativa, anterior à capacidade reflexiva, e que marca uma modificação no equilíbrio entre o ser e o mundo. As sensações, fenômenos da ordem da sensibilidade, são imediatas e momentâneas e podem ser definidas como a capacidade de ser afetado por fenômenos físicos e psíquicos, na reação dos indivíduos diante da realidade que os toca. Entretanto, as sensibilidades envolvem corpo e espírito, nessa sua dinâmica interativa com a realidade, que definimos como anterior à capacidade reflexiva ou racional. [...]. As sensibilidades se apresentam, portanto, como operações imaginárias de sentido e de representação do mundo, que conseguem tomar presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido. O sentimento faz perdurar a sensação e reproduz uma experiência sensível de interação com a realidade. A força da imaginação, em sua capacidade tanto mimética como criativa, está presente no processo de reconhecimento do mundo a partir das sensibilidades (PESAVENTO, 2005, p. 128-129).

A presença do autismo na vida das pessoas impele modos distintos de perceber e sentir o mundo ao redor, o que conseqüentemente projeta uma outra forma de aprender que pode exigir outros recursos metodológicos para êxito nos processos de ensinar e no desenvolvimento da aprendizagem da PcA quanto aos contextos escolar e universitário. Assim, as habilidades cognitivas na PcA podem ser diferenciadas a partir da evolução de sistemas e padrões que se organizam para focalizar em minuciosidades que, habitualmente, passam despercebidas pelas demais pessoas. Suas sensibilidades sensoriais podem corroborar em extraordinárias e diferenciadas percepções em suas experiências com o mundo, igualmente, podem lhes promover experiências singulares, muitas vezes, extenuantes, de desconexão mental e corporal consigo mesmas e com o mundo que as envolve, todavia, toda essa sensibilidade pode vir a se materializar em arte. Similar, não é incomum que PcA desenvolvam um potencial notável para memorizar, guardar e evocar informações e lembranças que lhes podem ser muito úteis na vida escolar, acadêmica, profissional e artística, especialmente quando estas se vinculam ao seu hiperfoco. Neste sentido, tal como diz Pesavento (2005), as sensibilidades correspondem a um processo subjetivo e é uma forma de ser e estar no mundo, de maneira que a sensibilidade relacionada aos interesses específicos das PcA são recursos para a nutrição de alegrias, satisfação pessoal, entusiasmos intensos que lhes permitem lidar melhor na mediação em situações assaltadas por estados de ansiedade como também lhes possibilitar uma conexão social mais favorável à sua forma de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas, sendo quem são e evitando mascaramentos e camuflagens sociais que lhes geram profundo sofrimento. Ainda sobre a designação de sensibilidade, Pesavento (2004) explica:

Ora, sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído, do pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência

sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real. Traço de união entre o corpo e a alma, a sensibilidade é uma presença enquanto valor, dificilmente será número... Com isto, chegamos à questão proposta inicialmente: é possível mensurá-la? [...]. Pensar nas sensibilidades é, pois, não apenas mergulhar no estudo do indivíduo e da subjetividade, das trajetórias de vida, enfim. É também lidar com a vida privada e com todas as suas nuances e formas de exteriorizar – ou esconder – os sentimentos (PESAVENTO, 2004, p. 5-6)

Dessarte, as sensibilidades não são passíveis de serem mensuradas, tampouco padronizadas por estereótipos sociais deficitários, estruturados no paradigma médico da deficiência, ou estratificadas pelas matrizes protocolares que definem e fixam o que é belo ou adequado aos estudos e conceituações formais relativas à estética. As sensibilidades são subjetivas, são singulares, elas têm a ver com as travessias e jornadas de vida de cada um, têm a ver com o íntimo e com intimidade da relação do sujeito com o mundo e no mundo, tem a ver com a riqueza de seus modos de sublimar e lidar com as angústias mais incomensuráveis, bem como com a mestria singela, ao mesmo tempo que complexa, de degustar a simplicidade do que, à maioria com pressa, pode parecer banal e corriqueiro.

Carolina, Leticia e Nadia são mulheres na condição singular do autismo, são artistas repletas de sensibilidades que transformaram seus pensamentos e sentimentos mais profundos em artes a serem apreciadas pela sociedade. Seus potenciais para a atividade artística não apenas trouxeram refrigério e outros benefícios para si mesmas, mas também confortaram e permanecem produzindo um frescor àqueles que têm a oportunidade de conhecer e apreciar suas composições.

Ressalta-se que a arte como caminho de expressão de mulheres no autismo, é um movimento social e político que emana questionamentos ímpares à sociedade contemporânea acerca de suas visões e concepções embrutecidas sobre as mulheres, aqui em específico, as subjetividades dessas mulheres, cada qual, única em seu modo de existir, ser e estar na sociedade, sua potência criativa, sua sensibilidade na maneira de expressar e materializar seus pensamentos, sentimentos, sensações e emoções por meio da arte. Nas palavras de Angela Davis, professora estadunidense e filósofa socialista,

a arte é uma forma de consciência social – uma forma peculiar de consciência social, que tem o potencial de despertar nas pessoas tocadas por ela um impulso para transformar criativamente as condições opressivas que as cercam. A arte pode funcionar como sensibilizadora e catalisadora, impelindo as pessoas a se envolverem em movimentos organizados que buscam provocar mudanças radicais. A arte é especial por sua capacidade de influenciar tanto sentimentos como conhecimento (DAVIS, 2017, p. 166).

Sendo a arte uma unidade vital para o saber cômico no âmbito filosófico e histórico, ela também se denota como uma forma de existir, reexistir e resistir as hostilidades sociais, de modo que as artistas, por meio de sua arte, vozeiam a sociedade a reflexionar sobre a forma como operam seus dispositivos culturais de preconceito e discriminação acerca da mulher com deficiência, não obstante, da mulher na condição singular do autismo. Ao expressarem seus pensamentos, sentimentos, sensações e emoções por meio da arte, elas criam fendas sociais que abrem espaços significativos para se colocarem como mulheres e como autistas em múltiplas e plurais intersecções sobre as tradições estigmatizantes da sociedade que as silenciou durante séculos. Elas atravessam fronteiras culturais do patriarcado abusivo contra as mulheres ao mesmo tempo em que descortinam as ideias preconcebidas e estereotipadas no capacitismo sobre as McA. Ao compartilhar suas vivências e seus modos de ser e estar no mundo, com o mundo e com as outras pessoas por meio de suas composições artísticas, elas alçam seu protagonismo enquanto mulheres e ocupam seus lugares sociais evidenciando que a diferença não é do outro, mas que

a diferença é um atributo próprio da espécie humana e que está presente em cada um de nós, bem como na natureza e em tudo aquilo que criamos a partir de nossas próprias sensibilidades e subjetividades. Desta maneira, as artistas também elaboram e estabelecem outras formas de se perceberem no mundo ao mesmo tempo que convocam a sociedade fundada no patriarcalismo a repensarem suas concepções acerca da subalternização das McA nas conexões relacionadas a gênero e às opressões pelo biopoder e na biopolítica, tal como se enuncia no *Tiqqun*, antigo periódico anarquista francês:

Na biopolítica, o que não é normal será assim dado por patológico, quando sabemos por experiência que a patologia é ela mesma, para os organismos doentes, uma norma de vida e que a saúde não está ligada a uma norma de vida particular, mas a um estado de forte normatividade, a uma capacidade de afrontar e criar outras normas de vida. A essência de todo dispositivo está em impor uma divisão autoritária do sensível na qual tudo o que vem à presença se confronta com chantagem de seu caráter binário (TIQQUN, 2019, p. 234-235).

Em meio à trama social em luta contra a supervalorização do diagnóstico médico em detrimento da pessoa que é constituída por diversos e distintos fatores que se organizam de maneira subjetiva, bem como no combate às injustiças e toda as formas de subjugo, controle e invalidação da McA, a arte de Carolina, Letícia e Nadia são peças potentes para o questionamento permanente à sociedade acerca das desigualdades culturais que são produzidas, fomentadas e amparadas pelas instituições que se encontram em espaços de privilégio e poder, tal qual foram discutidas pelas autoras Linda Nochlin (NOCHLIN, 2016) e Griselda Pollock (POLLOCK, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Transtorno do Espectro do Autismo traz uma infinidade de dificuldades e desafios às mulheres que se encontram nesta condição tão singular. A necessidade de apoio (quer seja médico, terapêutico, educacional, emocional, dentre tantas formas de suporte que podem ser demandados a partir das necessidades de cada mulher no autismo), é uma realidade indiscutível, independentemente dos níveis de suporte e condição de intensidade das manifestações do autismo.

Ao longo dos anos foram atribuídas às PcA características equivocadas que reforçaram estigmas, preconceitos e discriminações capacitistas quanto às suas dificuldades, limitações, habilidades e potencialidades. A ausência de sentimentos e a incapacidade imaginativa e criativa foram disposições altamente capacitistas que nulificaram a condição humana da PcA, sua subjetividade, sua existência singular, sua vivência única enquanto ser humano de experienciar o autismo em sua vida. A supervalorização do diagnóstico médico se configurou e ainda repercute em uma forma de não escutar e enxergar o sujeito como único e singular. Esta não-escuta é alicerçada na coisificação do sujeito que por sua diferença (deficiência/autismo) deve ser agrupado e categorizado como diferente, de modo que a Carolina, a Letícia e a Nadia não existam como sujeitas únicas e singulares, mas tão somente como autistas. No entanto, enquanto o diagnóstico do autismo se repete por todo o planeta, as pessoas não se repetem, elas são únicas e singulares.

Ao conhecer a história de mulheres na condição singular do autismo e reconhecer seu potencial imaginativo e criativo nas artes, avançamos para uma sociedade mais complexa onde a diferença é acolhida e abraçada como um valor humano inegociável e inestimável ao invés de ser subestimada e rechaçada como fator de anormalidade, inferioridade e incapacidade. Neste sentido, evidencia-se que o autismo que compõe a constituição subjetiva dessas mulheres, não as sequestra da sensibilidade e da

intensidade enquanto potentes qualidades humanas nas percepções de mundo e distintos modos de as sentir e as expressar.

Em suma, avia-se que a arte é uma das mais belas formas de expressão da manifestação humana, de modo que o autismo não deve ser motivo para espanto, mas condição que deve ser respeitada e que constitui a vida de mulheres artistas que o experienciam e que compartilham suas composições com o mundo.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5-TR*. 5 edition, text revision. ed. Washington: American Psychiatric Association, 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*. DSM-V. ed. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

ARTTERE. Letícia Brasil. *Arttere*, 15 mar. 2024. Disponível em: <<https://arttere.org/artistas/4195/let%EDcia-brasil>>. Acesso em: 14 out. 2024.

ASHINOFF, B. K.; ABU-AKEL,. Hyperfocus: the forgotten frontier of attention. *Psychol Res*, 85, 2021. p. 1–19. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s00426-019-01245-8>>.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS (ALMG). Irmãos Mamedes expõem seus desenhos na Galeria de Arte. *ALMG*, 27 jun. 2024. Disponível em: <<https://www.almg.gov.br/comunicacao/noticias/arquivos/Irmaos-Mamedes-expoem-seus-desenhos-na-Galeria-de-Arte/>>. Acesso em: 14 out. 2024.

BERLINK, L. Após disparar comentário preconceituoso sobre autistas, vereador afirma que foi mal interpretado. *BNews*, 20 set. 2023. Disponível em: <<https://www.bnews.com.br/noticias/politica/apos-disparar-comentario-preconceituoso-sobre-autistas-vereador-afirma-que-foi-mal-interpretado.html>>. Acesso em: 18 out. 2024.

BETHLEM MUSEUM OF THE MIND. In the Frame for January 2013: Nadia Chomyn. *Museum of the Mind*, 2013. Disponível em: <<https://museumofthemind.org.uk/blog/in-the-frame-for-january-2013>>. Acesso em: 17 out. 2024.

BETTELHEIM, B. *A Fortaleza Vazia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BRASIL. Lei nº 12764, de 27 de dezembro de 2012. *Diário Oficial*, Brasília, 27 dez 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm Acesso em: 27/10/2024.

CARDINAL, R. *Outsider Art*. London: Studio Vista, 1972.

COOK, J. et al. Camouflaging in autism: A systematic review. *Clinical Psychology Review*, 89, 23 set. 2021. 1-11. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272735821001239?via%3Dihub>>. Acesso em: 08 out. 2024.

CUVE, H. C. et al. Are Autistic and Alexithymic Traits Distinct? A Factor-Analytic and Network Approach. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 52, May 2022. 2019–2034. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10803-021-05094-6>>.

DAVIS, A. *Mulheres, cultura e política*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

EPTV 1. Prefeito polemiza em MG ao chamar Bolsonaro de psicopata e fazer analogia ao autismo. *G1*, 08 fev. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2021/02/08/prefeito-polemiza-em-mg-ao-chamar-bolsonaro-de-psicopata-e-fazer-analogia-ao-autismo.ghtml>>. Acesso em: 18 out. 2024.

FERREIRA, A. Imagens de uma vivência autista: formanda da ECA fala sobre sua arte. *ECA USP*, 03 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/en/node/2948>>. Acesso em: 14 out. 2024.

FOLHA DE LONDRINA. Ex-candidato a vereador é indiciado após comentários contra autistas. *Folha de Londrina*, 16 maio 2024. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/ex-candidato-a-vereador-e-indiciado-apos-comentarios-contr-autistas-3250707e.html?d=1>>. Acesso em: 18 out. 2024.

FOUCAULT, M. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

G1 PB. Prefeito de Pombal, PB, e servidora são investigados por supostas falas preconceituosas contra autistas. *G1*, 12 jul. 2024. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2024/07/12/prefeito-de-pombal-e-servidora-sao-investigados-por-supostas-falas-preconceituosas-contr-autistas.ghtml>>. Acesso em: 18 out. 2024.

GARCIA, G. O [não] mercado da inclusão: o capacitismo no mundo das artes. *Arte brasileiros*, 21 mar. 2021. Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/arte/reportagem/o-nao-mercado-da-inclusao/>>. Acesso em: 21 out. 2024.

GEURTS, H. M.; CORBETT, ; SOLOMON,. The paradox of cognitive flexibility in autism. *Trends Cogn Sci.*, 13, n. 2, Feb 2009. p. 74-82. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.tics.2008.11.006>>.

GODFRE, K. J. et al. Autism interest intensity in early childhood associates with executive functioning but not reward sensitivity or anxiety symptoms. *Autism*, 26, n. 7, 2022. 1723-1736. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/13623613211064372>>.

HALLADAY, K. et al. Sex and gender differences in autism spectrum disorder: summarizing evidence gaps and identifying emerging areas of priority. *Molecular Autism*, 6, n. 36, 13 jun. 2015. 1-5. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/s13229-015-0019-y>>.

HARDING, S. Gênero, democracia e filosofia da ciência. *RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde*, Rio de Janeiro, 1, n. 1, jan.-jun 2007. 163-168. Disponível em: <<https://doi.org/10.29397/reciis.v1i1.891>>.

IPTM. Cura de menino autista. *IPTM*, 01 fev. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fAPw-_rDGK8>. Acesso em: 18 out. 2024.

ISOMURA, et al. Delayed disengagement of attention from snakes in children with autism. *Frontiers in Psychology*, 6, n. Article 241, 2015. p. 1-5. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doi/10.3389/fpsyg.2015.00241>>.

KANNER, L. Autisc Disturbances of Affective Contact. *Nervous Child*, n. 2, 1943. p. 217-250. Disponível em: <<https://bpb-us-e1.wpmucdn.com/blogs.uoregon.edu/dist/d/16656/files/2018/11/Kanner-Autistic-Disturbances-of-Affective-Contact-1943-vooiwn.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2024.

KANNER, L. Early infantile autism. *Journal of Pediatrics*, [s.l], n. 25, 1944. p.211-217.

KANNER, L. *Child Psychiatry*. 2. ed. Springfield: Charles C. Thomas, 1948.

- KANNER, L. Problems of nosology and psychodynamics in early infantile autism. *American Journal Orthopsychiatry*, [s.l.], 19, 1949. p. 416-426.
- KINNAIRD, E.; STEWART, C.; TCHANTURIA, K. Investigating alexithymia in autism: A systematic review and meta-analysis. *Eur Psychiatry*, 55, jan 2019. 80-89. Disponível em: <[10.1016/j.eurpsy.2018.09.004](https://doi.org/10.1016/j.eurpsy.2018.09.004)>.
- KIRKOVSKI, M.; ENTICOTT, P. G.; FITZGERALD, P. B. A Review of the Role of Female Gender in Autism Spectrum Disorders. *J Autism Dev Disord*, 43, 2013. 2584–2603. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10803-013-1811-1>>.
- LAI, M. C.; BARON-COHEN, S. Identifying the lost generation of adults with autism spectrum conditions. *Lancet Psychiatry*, 2, n. 11, 2015. p. 1013–1027. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(15\)00277-1](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(15)00277-1)>.
- LOVAAS, O. I. et al. Selective responding by autistic children to multiple sensory input. *J Abnorm Psychol*, 77, n. 3, jun 1971. p. 211-222. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0031015>>.
- MCCROSSIN, R. Finding the True Number of Females with Autistic Spectrum Disorder by Estimating the Biases in Initial Recognition and Clinical Diagnosis. *Children*, 9, n. 272, 17 fev 2022. p. 1-18. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/children9020272>>.
- METROPOLI. Exposição “As Três Dimensões Dos Criadores”. *Metropoli*, 15 maio 2019. Disponível em: <<https://metropolionline.com.br/2019/05/15/exposicao-as-tres-dimensoes-dos-criadores/>>. Acesso em: 14 out. 2024.
- NOCHLIN, L. *Por que não houve grandes mulheres artistas?* Tradução de Juliana Vacaro. 2. ed. São Paulo: Aurora, 2016.
- O GLOBO. Cármen Lúcia se desculpa com autistas por comentário em entrevista. *O Globo*, 19 set. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/carmen-lucia-se-desculpa-com-autistas-por-comentario-em-entrevista-20138543>>. Acesso em: 18 out. 2024.
- OAKLEY, B. F. et al. Alexithymia in autism: cross-sectional and longitudinal associations with social-communication difficulties, anxiety and depression symptoms. **Psychological Medicine**, 52, n. 8, 08 October 2020. 1458-1470. Disponível em: <[10.1017/S0033291720003244](https://doi.org/10.1017/S0033291720003244)>.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência. *Planalto.gov.br*, 30 Março Nova York, 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 17 out. 2024.
- ORRÚ, S. E. *Aprendizes com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.
- ORRÚ, S. E. *O Autismo em Meninas e Mulheres: Diferença e Interseccionalidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.
- PERROT, M. *Minha história das mulheres*. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.
- PESAVENTO, S. J. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. *Iere Journée d'Histoire des Sensibilités, EHESS*, 04 mar. 2004. 1-7. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/nuevomundo.229>>.
- PESAVENTO, S. J. Sensibilidades no tempo e tempo das sensibilidades. *Tempos Acadêmicos*, Criciúma, SC, n. 3, 2005. 127-134.

POLLOCK, G. A modernidade e os espaços da feminilidade. In: MACEDO, A. G.; RAYNER, F. *Gênero, cultura visual e performance: antologia crítica*. Portugal: Húmus, 2011. p. 53-67.

RATTO, A. B. et al. What About the Girls? Sex-Based Differences in Autistic Traits and Adaptive Skills. *Autism Dev Disord*, 48, 2018. 1698–1711. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10803-017-3413-9>>.

SACKS, O. *Um antropólogo em Marte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, Patriarcado, Violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAPEY-TRIOMPHE, L.-A. et al. A multilevel investigation of sensory sensitivity and responsivity in autistic adults. *Autism Research*, 16, n. 7, 05 jun. 2023. 1299-1320. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/aur.2962>>.

SELFE, L. *Nadia: A Case of Extraordinary Drawing Ability in an Autistic Child*. USA: Harcourt, 1979.

SELFE, L. *Nadia Revisited: A Longitudinal Study of an Autistic Savant*. New York: Psychology Press, 2011.

SELFE, L. Nadia Chomyn obituary. *The Guardian*, 09 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/artanddesign/2015/dec/09/nadia-chomyn>>. Acesso em: 17 out. 2024.

SIMCOE, S. M. et al. Are there gender-based variations in the presentation of Autism amongst female and male children? *J Autism Dev Disord*, 13 jul. 2022. 1-9. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10803-022-05552-9>>.

THÉVOZ, M. Jean Dubuffet. *Culture*, 2001. Disponível em: <<http://www2.culture.gouv.fr/culture/actualites/celebrations2001/dubuffet.htm>>. Acesso em: 17 out. 2024.

TIQQUN. *Contribuições para a guerra em curso*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. São Paulo: N-1 edições, 2019.

TRAJANO, H. Atendimentos da saúde mental da Prefeitura mais que dobram nos últimos 5 anos em BH. *G1*, 22 jul. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/07/22/atendimentos-da-saude-mental-da-prefeitura-mais-que-dobram-nos-ultimos-5-anos-em-bh.ghtml>>. Acesso em: 14 out. 2024.

UNESCO. *Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem*. Jomtien, Tailândia: UNESCO, 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2024.

UNESCO. *Declaração de Salamanca: sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais*. Salamanca, Espanha: UNESCO, 1994. Disponível em: <http://redeinclusao.pt/media/fl_9.pdf>. Acesso em: 17 out. 2024.

UOL. Em ato preconceituoso, pastor diz que autismo é 'visita do diabo no ventre'. *UOL*, 17 jul. 2024a. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2024/07/17/pastor-e-criticado-apos-dizer-que-autismo-e-visita-do-diabo-no-ventre.htm>>. Acesso em: 18 out. 2024.

UOL. Em fala capacitista, pastor diz que autismo não existe: "Espírito Maligno". *Uol*, 18 out. 2024b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PKJIAI4unfw>>. Acesso em: 18 out. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). ICD-11 for Mortality and Morbidity Statistics. *WHO*, fev. 2022. Disponível em: <<https://icd.who.int/browse11/l-m/en>>. Acesso em: 10/10/2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Autism. *World Health Organization*, 15 nov. 2023. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>>. Acesso em: 10 out. 2024.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

A autora declara que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.